

QUINZE ANOS NA FAVELA DO GUAMÁ (1976/91)

CRONISTORIA MÍNIMA

1976-entre janeiro e março- Alguns jovens do VIBRA (Voluntários Internacionais e Brasileiros) pedem ao padre Savinotoma formar com eles uma comunidade que se dedique à pesquisa religiosa e trabalhos pastorais (1).

1976 -dia 02 de maio- Munido de autorização do Conselho Regional e do Superior Geral dos Xaverianos, o padre Savinotoma posse do Curato de S.Maria Goretti, uma área pastoral desmembrada *ad hoc* da paróquia de S.Pedro e S.Paulo pelo Arcebispo dom Alberto Gaudêncio Ramos. Estão com eletrês vindos do VIBRA -Paulo Perna de Curitiba, Maximinodos Passos de Malacacheta (MG) e LuisaSantin catarinense- maisNonato Costa, seminarista de Santarém, José Sousa, seminarista joseleito vindo do Maranhão, e Idaliana de Azevedo vinda de Óbidos(2). Os jovens passam a morar numa pequena casa alugada, as mulheres numa família de vizinhos.

1976-31 de julho- Padre Savino passa a morar num prédio inacabado e abandonado, chamado BASE AÉREA por pertencer à Aeronáutica Militar. De lugar de prostituição e libertinagem, o prédio começa a chamar-se Centro Comunitário Maria Goretti. Tem poço, uma enfermaria e um quarto. A liturgia paroquial è celebrada no lado norte do tri-pórtico interno. Os cômodos foram realizados com três dúzias de portas pré-fabricadas de compensado, doadas por uma firma ao padre Angelo Pansa, regional dos xaverianos.

1976- dezembro- Todos os homens da comunidade estão morando no Centro Comunitário Maria Goretti. Os vizinhos parecem não gostar totalmente do grupo do padre. Os cavalões não respeitam o poço que serve a todas as famílias vizinhas, e, quando falta água nos canos, à grande parte do bairro. Um sem número de despeitos

são cada dia perpetrados contra os estranhos moradores do Centro Comunitário. Pela cidade correm fofocas por nada legais a respeito deles.

1977- janeiro a junho – Policiais disfarçados se aproximam do centro comunitário, mesmo sem entrar. Às vezes gravam a pregação do padre, questionam os que vão e vem, pedem informações. Uma vez entram com decisão e passam por todo canto da casa. Invadem a escolinha recém-nascida e querem saber de quem são as crianças. No caminho da universidade, onde o padre ensina e coordena o curso de filosofia-teologia, o José Sousa é varias vezes ameaçado de prisão e tortura se não prestar todas as informações que lhe forem pedidas (3).

1977- julho a outubro - Ao capítulo Geral dos Xaverianos, do qual participa como delegado dos xaverianos da Amazônia, padre Savino relata a sua experiência no Guamá. É aplaudido e encorajado a prosseguir. O mesmo Capítulo Geral abençoa outras experiências novas e autoriza as comunidades mistas: um xaveriano pode formar comunidade com membros de outras congregações, do clero secular ou com leigos.

1977- dezembro – Ao longo do muro externo do Centro Comunitário Maria Goretti, no lado leste, surge a casa da comunidade interna. Por vários anos a casa hospedará um máximo de 12 jovens. Quando padre Mario Aldighieri da diocese de Cremona vem da prelazia de Cândido Mendes (MA) a Belém, se hospeda num dos nossos quatinhos.

1978- maio – A Região Xaveriana da Amazônia reunida no seu primeiro capítulo declara prioritário o trabalho pastoral desenvolvido nas baixadas de Belém. As atividades de padre Savino – paróquia e comunidade de voluntários – são aprovadas e assumidas como próprias da região religiosa.

1978- 15 de julho – É domingo: o Arcebispo inaugura a nova capela construída na quadra esportiva situada ao norte do centro comunitário. É toda em madeira e custou menos de 100.000 cruzeiros (= 30.000 Reais em 2012).

1980- 19 de maio – Na tarde: dois repórteres da *Província do Pará* pretendem obter de mim, pe. Savino Mombelli, e do meu colega pe. Nicolau Masi, algumas declarações explosivas e precisamente: que a grande maioria do clero não gosta de Dom Alberto Ramos, que nós dois somos os chefes deste clero contestador, que pediremos ao Papa a destituição de Dom Alberto e, além disso, entregaremos ao Papa um documento por mim redigido sobre a situação social e pastoralmente desesperadora das baixadas de Belém. De todas as formas e ao longo de duas horas negamos e protestamos de nunca ter afirmado algo de semelhante.

1980- 19 de maio – À noite: Pe. João Mometti, que pretende ser o braço direito de Dom Alberto e, como se ouve dizer, amigo do redator chefe da *Província do Pará*, pede de ser entrevistado pelo *Estado do Pará*.

1980- 20 de maio – De manhã: Sai a *Província do Pará* trazendo na primeira e nas páginas internas títulos, artigos e fotografias que atribuem a nós dois as declarações acima (4).

1980- 20 de maio – Por volta das 8hs.: Pe. João Mometti entra no Arcebispado com a *Província do Pará* na mão e conversa com Dom Alberto.

1980- 20 de maio – Por volta das 9hs.: Dom Alberto fala na rádio Marajoara, prometendo que irá punir rigorosamente os padres rebeldes a ele. Pouco depois, sempre no Arcebispado, pe. João Mometti recebe os repórteres do *Estado do Pará*, aos quais dá uma entrevista muito breve e entrega um artigo já bem feitinho.

1980- 20 de maio – antes das 10hs.: Pe. Nicolau, acompanhado pelo Pe. Bernardo Hoios se apresenta ao Arcebispado para dar

explicações do caso. Dom Alberto o agride antes de ele abrir a boca, afirmando que poderá usar toda a sua autoridade e suspendê-lo *a divinis*. Acrescenta que Pe. João Mometti está escrevendo um artigo sobre o nosso comportamento rebelde.

1980- 20 de maio – Às 11hs.: Acompanhado por Pe. Nicolau, eu mesmo vou ao Arcebispado e logo percebo de ser bem atendido por Dom Alberto. Seu falar é todo diferente. Diz que com a imprensa acontece de tudo e precisa ter muita paciência.

1980- 20 de maio – Por volta das 12hs.: Eu e Pe. Nicolau somos recebidos pelo diretor da *Província do Pará*, que se diz dolorosamente afetado pelo acontecimento, pede desculpas e promete desmentir tudo pelo jornal, no dia seguinte.

1980- 20 de maio – Por volta das 13hs.: Dom Alberto almoça com um grupo de empresários de Belém. Recebendo os compadecimentos deles, responde que não se preocupem com a sua situação; até que houver padres contra, o Papa não o pode transferir.

1980- 20 de maio – Às 18hs: Na *Voz do Pastor* transmitida pelo rádio, Dom Alberto afirma que não irá punir os dois padres, porque não cometeram o fato.

1980- 21 de maio – A *Província do Pará* desmente as declarações que nos foram atribuídas, enquanto os outros jornais, em Belém e em todo o país, as comentam avidamente. O *Estado do Pará* leva com grande evidência, e com fotografia do autor, o artigo/entrevista de Pe. João Mometti (5), nos recomendando de deixar o Brasil. Alguns dias depois, ainda na *Província do Pará*, Dom Alberto escreve que nos perdoa por ser ele clemente, não por merecermos o perdão.

1980- 01 de junho – O semanário católico de Belém *Voz de Nazaré*, publicado pelos padres barnabitas italianos, nos ataca com um virulento artigo cheio de grosseiros insultos, afirmando que

nunca deveríamos ter entrado no Brasil. O artigo é assinado por Somar (=Ramos), quer dizer um irmão do senhor Arcebispo.

1980- entre 01 e 15 de junho – São publicadas duas cartas abertas, uma pelo clero do Distrito 2 e uma por um grupo de religiosos que trabalham nas periferias. As duas cartas pedem a Dom Alberto de reconsiderar a sua posição a nosso respeito, explicam que fomos caluniados e que o nosso trabalho nas baixadas deve ser encorajado em vez que ignorado e amaldiçoado.

1980- por volta do 15 de junho – Dom Alberto escreve uma carta em latim ao superior geral dos xaverianos, lamentando o desaforo que recebeu de nós. O superior geral lhe responde que deve tratar-se de um grande equívoco.

1980- 29 de junho – Por volta de uma hora da madrugada, cinco seminaristas da comunidade Maria Goretti são presos, algemados e espancados por um sargento da polícia militar, sob o pretexto de terem apalpado uma mulher. Na espera que se apresente a vítima, são jogados na cadeia – um chiqueiro – em minha presença. Vou procurar a vítima eu mesmo e o chefe do PM Box do Guamá me explica que a vítima irá apresentar-se às sete horas da manhã, por causa da arma que o marido dela, também militar, esqueceu na delegacia. Naquela oportunidade poderemos falar com ela e esclarecer o nosso caso. Vou contar tudo ao chefe da Delegacia Civil e ele liberta os jovens sob promessa que estaremos todos aí às sete horas da manhã.

1980- 29 de junho – Às sete horas da manhã, estamos todos na delegacia civil, acompanhados por um advogado, mas a vítima não comparece. Às oito horas o advogado vai busca-la e, após ter confessado que não tinha com a polícia compromisso algum, com seu depoimento inocenta totalmente os jovens. Em seguida, os dois mais afetados pelas surras são levados ao Instituto Médico Legal: feridas de corpo contundente na vista de Dilson Aires dos Santos e no nariz e boca de Osvaldino César de Tal.

1980- 30 de junho – De manhã: os quatro seminaristas de idade maior depõem no comando geral da Polícia Militar. Os dois mais afetados são aviados no Hospital da PM para verificações apropriadas.

1980- 30 de junho – De tarde: chamados por amigos, vamos contar os acontecimentos ao pessoal da Pastoral da Terra. Aí comparece a imprensa e os jovens, assistidos por mim, fazem seus depoimentos.

1980- 01 de julho – A *Província do Pará* dá grande relevo ao acontecimento levando o seguinte título: SEMINARISTAS ESPANCADOS PELA POLÍCIA NO GUAMÁ.

1980- 02 de julho – Na *Província do Pará* o coronel Arruda Penteado, comandante geral da Polícia Militar do Estado, recusa todos os nossos depoimentos, chama o padre de apressadinho e, tratando os seminaristas de mentirosos, afirma que não podem ser seminaristas. Numa outra página do mesmo jornal, Dom Alberto também acha que não podem ser seminaristas, pois os seminaristas da arquidiocese estão todos morando no seminário.

1980- 03 de julho – Na *Província do Pará* reconfirmamos, com grande relevo, todos os acontecimentos.

1980- entre 17 e 23 de julho – Os quatro seminaristas maiores de idade e eu somos chamados a prestar depoimentos no Comado Geral da Polícia Militar. Logo no começo percebemos de sermos considerados não mais acusadores, mas acusados. Alegando que os seminaristas moram no seminário e não numa casa paroquial, os quatro jovens são acusados de falsidade e eu de ter jogado a polícia militar contra a igreja. Me explicam que isso constitui um crime de competência da Segurança Nacional e que o meu dossiê na polícia é muito alto. O advogado tem a certeza que serei processado na justiça militar, a não ser que Dom Albertose converta a meu respeito e, quando for interpelado pela polícia,

confirme que a minha casa paroquial hospeda uma comunidade de seminaristas e que é ciente disto desde a sua fundação (1976). De fato já demos um padre para a Arquidiocese e o próprio Dom Alberto prometeu, em 1979, de fazer-se nosso patrocinador. Será que Dom Alberto vai dar para a polícia uma resposta sábia e objetiva? Temos muitas dúvidas, devido aos fatos narrados acima. Faço notar que em Belém existem umas quinze pequenas comunidades de seminaristas, sendo que duas pertencem à Arquidiocese.

1980- agosto – Prosseguem os interrogatórios – por tudo seis, de oitenta/noventa minutos cada – e no fim do mês os jornais anunciam que o padre Savino poderá ser expulso do país.

1980- 2 de setembro – O Arcebispo Metropolitano recebe uma comissão da Polícia Militar que lhe apresenta volumoso dossiê e assim se expressa: "O processo do padre está pronto. Devemos prosseguir?" Como o próprio Arcebispo contou ao padre, a resposta foi: "Devem engavetar o processo." E tudo parou aí (6).

1980- novembro – Se reúne o conselho diretor do IPAR. Pe. Savino e Pe. Bernardo, professores no mesmo instituto, são afastados do ensino. Os alunos reagem fazendo greve. Os professores apoiam os dois colegas e pedem esclarecimentos.

1981- março – Os senhores bispos da região aceitam o pedido de esclarecimento. Os dois professores são chamados a ouvir as acusações e a se defender. Após um colóquio de 15 minutos, pe. Savino é inocentado. Voltará a ensinar no segundo semestre de 1981. Pe. Bernardo, salesiano da Bolívia, deverá deixar o Brasil (7).

1981/82- agosto a junho – A comunidade dos jovens participa em bloco do MLPA (Movimento pela Libertação dos Presos do Araguaia). Entre setembro e novembro, ninguém falta às vigílias de oração e reflexão, frente à Polícia Federal, entre oito da noite e seis

da manhã. Os dois padres franceses, Francisco Gouriou e Aristides Camiô, são sistematicamente visitados por pessoas da comunidade e da paróquia. Pe. Savino, trabalhando no presídio São José como orientador da pastoral, encontra e faz amizade com os treze posseiros aí detidos.

1981- 1 a 5 de dezembro – Pe. Savino participa em Brasília da assembleia anual da Comina (Comissão Missionária Nacional) e começa a pensar num projeto concreto: criar pequenas comunidades de partilha e de serviço pastoral até formarem um dia uma congregação religiosa. As comunidades assumiriam também a ideia missionária e iriam favorecer o surgimento do Comire (Comissão Missionária Regional).

1981- 29 de dezembro – O "Estudo/Projeto para a organização de um Movimento Missionário de pequenas comunidades em serviço pastoral" redigido pelo pe.Savino é assinado, em forma de empenho e disposição a realiza-lo, pelo próprio pe.Savino e Joaquim Teixeira da Silva, Fernando Rei Ponçadilha, Francisco Ferreira da Silva, Raimundo Nonato Ferreira Pantoja, Renato Júnior Braga de Souza, Sebastião Jordão Faro, Paulo Roberto Silva Avelar, Raimundo Orlando Tavares, Dilson dos Santos Aires e Antonio Afonso Silva Santos.

1982 - 2 de junho – A comunidade participa da manifestação do MLPA contra o processo aos padres franceses e posseiros do Araguaia. Junto com um grupo de crismandos e outras pessoas da paróquia, às vezes idosas. Vários jovens da comunidade e o padre ficam presos por um dia inteiro na igreja da SS.ma Trindade.

1982- 1º trimestre – O Estudo/Projeto é enviado ao presidente do Regional Norte II, o Bispo de Conceição do Araguaia Dom José Patrício Hanrahan. Este o acha interessante e encoraja a prosseguir sob seu patrocínio.

1982/84- Dois assinantes do Estudo/Projeto, já estudantes de teologia no IPAR, se afiliam à Diocese de Conceição do Araguaia, com a esperança de chegar a ordenação e colaborar desta maneira na realização do propósito comum.

1982- novembro – Pouco antes das eleições políticas que irão derrubar a ditadura, o padre Savino é ainda uma vez ameaçado de expulsão. Não, porém do país, mas do terreno em que mora e dirige as atividades paroquiais. O rádio fala e afirma que, sendo o padre em posicionamento contrário ao regime político vigente no país, não pode morar e usufruir de um terreno que pertence à Federação.

1983- fevereiro – Para assegurar a sobrevivência do grupo em caso de expulsão do Centro Comunitário S. Maria Goretti, com a ajuda de amigos italianos, o padre Savino adquire um terreno na Rua Paulo Cícero e inaugura o segundo centro comunitário paroquial: Jesus Libertador.

1983- 15 de maio – O Arcebispo Coadjutor Dom Vicente Joaquim Zico cria a Paróquia de S. Maria Goretti. Antes de deixar o país por quatro meses de férias na Itália, o padre Savino divide o grupo em três pequenas comunidades: S. Cristóvão, S. Maria Goretti e Jesus Libertador. Uma é parcialmente autônoma, do ponto de vista econômico, as outras totalmente.

1983- setembro – Conversando em Roma com o Superior Geral dos Xaverianos, pe.Savino é informado que com muita probabilidade deverá deixar o Brasil em 1986, para assumir como já no passado trabalhos de animação missionária na Província Italiana.

1985- maio – No Tabor de Icoaraci, o Superior Geral dos Xaverianos deixa entender ao padre Savino que não precisará voltar à Itália tão cedo e lhe diz textualmente: "Para um trabalho como o teu precisa um carisma particular. Tu tens este carisma e

acho que debes prosseguir tu mesmo". Acabando o colóquio, o Pe. Gabriel Ferrari promete ao pe.Savino de informar-se se seja possível ao Instituto Xaveriano patrocinar juridicamente a fundação de uma congregação religiosa. Parece que os Missionários Combonianos tem feito algo de parecido em dois países da África Central.

1985- agosto –O grupo assume o nome de Movimento São Cristóvão e, por sugestão de Dom Patrício Hanrahan, começa a traçar planos para obter a aprovação na Arquidiocese de Belém. Alguns meses depois, pe.Savino apresenta aos três bispos da Arquidiocese as diretrizes básicas do movimento e pede, por carta, que seja aprovado em vista de se tornar uma Sociedade de Vida Apostólica. No entanto Dom Zico se aproxima mais do movimento e participa duas vezes dos seus encontros.

1986- 1º trimestre – Pe. Savino reescreve as Diretrizes Básicas, ampliando-as e precisando-as sobretudo pelo que diz respeito à formação dos membros do movimento. Alberto Pires Batista é aceito no seminário arquidiocesano de Ananindeua para frequentar o primeiro ano de teologia como membro do Movimento S. Cristóvão.

1986- 17 de maio –Às 16 horas da tarde, o teto do construindo salão paroquial recém coberto com 5.000 telhas de barro desmorona clamorosamente deixando pensar numa chacina de trabalhadores e eventuais curiosos, sobretudo crianças. Depois de cinco minutos de transtorno se constata que não há alguma vítima. Só pequenas escoriações. Os trabalhadores estavam todos na beira da construção ainda sem paredes e tiveram tempo suficiente para escapar. Naquele momento o padre devia estar no meio da construção, como fazia a cada duas horas, para conversar com os carpinteiros e tratar os problemas do caso, mas não podia mover-se do escritório. Dois alunos capuchinhos estavam conversando demoradamente com ele e conseguiam uma entrevista sobre o

espiritismo, embora tivesse recusado mais vezes de responder às perguntas deles.

1986- 18 de maio – O Arcebispo Coadjutor Dom Vicente Joaquim Zico convoca uma reunião com o Arcebispo Metropolitano Dom Alberto Ramos, o Superior Regional dos Xaverianos, Pe. Mario Pezzotti, e o Pe. Savino para tratar do assunto: o Movimento São Cristóvão. O Regional assegura a Dom Vicente que os Xaverianos gostam do projeto, o apoiam e farão o possível para deixar ao Pe. Savino a maior liberdade de ação.

1986- junho/setembro – Se espera inutilmente receber de amigos uma cópia das constituições de um movimento vocacional parecido com o de São Cristóvão, a fim de melhorar e completar o quadro das diretrizes básicas. Nenhuma resposta vem e Pe. Savino se decide a traçar por sua conta a parte que diz respeito ao relacionamento do Movimento São Cristóvão com a Arquidiocese de Belém.

1986- 11 de novembro – Solicitado a proceder no trabalho de conseguir a aprovação do MSC, Dom Zico convoca uma reunião com o clero secular da cidade. Participam Dom Vicente e Dom Tadeu, dez padres seculares e Pe. Savino. Se quer o apoio do clero secular, mas também se gostaria de concordar que os membros vocacionados do movimento sejam formados nas casas do movimento e não no seminário arquidiocesano. A maioria é favorável a esta legítima exigência e, pedindo que nas diretrizes básicas a autonomia do movimento em relação à Arquidiocese apareça claramente, Dom Vicente dá o sinal verde.

1986- fim de novembro – Pe. Savino apresenta a Dom Vicente a última edição das diretrizes básicas e pede um sinal escrito de aprovação.

1986- 3 de dezembro – O Arcebispo Metropolitano Dom Alberto Gaudêncio Ramos aprova o Movimento S. Cristóvão e o erige

canonicamente em Sociedade de Vida Apostólica, indo sensivelmente além do pedido que lhe tinha sido apresentado.

1987- 5/12 de janeiro – Reunidos em Assembleia Capitular no Tabor de Icoaraci, 43 xaverianos da Região Amazônica pedem esclarecimentos sobre a recém fundada Sociedade de Vida Apostólica. As maiores perguntas dizem respeito ao padre Savino. Ele ficará sempre a disposição da Região como todos os confrades? Ou ficará dispensado de alguns dos seus deveres de xaveriano? Em caso de sua partida, a Região deverá assumir o Movimento S. Cristóvão? O problema discutido por bem duas vezes fica superado por meio do seguinte texto extraído das atas: "A Coordenação do Movimento S. Cristóvão, Sociedade de Vida Apostólica de direito diocesano, e a formação de seus membros, são tarefas que o padre Savino Mombelli, de acordo com o carisma missionário e com o reconhecimento da Arquidiocese de Belém, exerce temporaneamente, sem se subtrair, de alguma maneira, aos deveres de xaveriano".

1976/1990. A paróquia Maria Goretti recebe visitas ilustres, às vezes guiadas pelo Arcebispo Coadjutor Dom Vicente Joaquim Zico. Lembro em particular a visita de dom Fiordelli, bispo de Prato (Italia) e famoso pelas suas rígidas posições com pessoal não casado na igreja e considerado digno de excomunhão, e dom Silvano Piovanelli arcebispo de Florença e, em seguida, cardeal.

1990-pela metade de agosto- padre Savino experimenta dores no peito. Suspeitando problemas cardíacos, obtém uma consulta na Santa Casa de Misericórdia junto a um médico da Universidade Federal do Pará. Resultado: *angina pectoris*, com recomendação de não correr e subir as escadas vagarosamente.

1990-15 de setembro- É domingo de manhã, às 7.30, enquanto excuta o segundo sino para a liturgia festiva, padre Savino é cometido por fortes dores ao peito e não pode celebrar. Uma hora depois, dona Raffaella Crociati o leva à clínica Socor onde se

constata um enfarte ao miocárdio, lado esquerdo. Fica hospitalizado por ao máximo quinze dias.

1990- 20 de dezembro- Internado na Beneficente Portuguesa, na hora o melhor Hospital de Belém, nos últimos dois dias de 1990 padre Savino é operado ao coração por uma equipe comandada pelo dr. Manoel Maneschi (nota) e recebe dois by-pass. Após uma semana de recuperação, o dr.Maneschi exige que o doente volte para o Guamá.

1991-janeiro- na segunda metade do mês, padre Savino volta a Beneficente Portuguesa por uma flebite advertida na perna direita, a que tinha sofrido por exportação da safena. Fica no hospital uns quinze dias e saindo, encontra na casa das Mercês uma dúzia de xaverianos sentados na mesa para o almoço, mas ninguém percebe a sua presença e a sua vontade de saudar e dar algumas notícias sobre a sua situação. Somente pe. Primo Battistini percebe o caso e, deixando o lugar, se senta no rabo da mesa para saber dele um pouco de tudo.

1991 -entre fevereiro e março-surge novo problema e padre Savino passa a sangrar pelas pernas e pelos braços. Espanto. Volta para a Beneficente Portuguesa e recebe os cuidados do caso. Seu sangue ficou exageradamente líquido em consequência das curas contra a flebite e se torna necessária uma ação em contrario. Varias injeções tornam o seu sangue mais sólido e provocam um enfarte intestinal. Nos últimos dias de março, padre Savino sofre novo intervento cirúrgico da duração de cinco horas. No momento do enfarte intestinal provocar a peritonite, lhe é asportadoun metro e meio de intestino. Na manhã sucessiva à operação, um dos cinco médicos da equipe operatória se aproxima da cama do padre, no reparto de terapia intensiva, e lhe fala as seguintes palavras: "Nós fizemos tudo o que era possível. Daqui para frente a sua salvação depende de um outro...". Mas em

quinze dias me recuperei e no dia 8 de abril viajei para a Italia acompanhado por duas irmãzinhas xaverianas nativas do Pará (8).

NOTA 1. Eles tinham vindo de várias regiões do país e achavam de ter errado o alvo, pois o padre João Mometti não aparentava as dotes e as louváveis perspectivas humanitárias e pastorais que abertamente proclamava.

NOTA 2. A senhorita Idaliana Azevedo desde anos preparava e impulsionava em Óbidos dezenas de agentes de pastoral leigos.

NOTA3. Se fala deste assunto no artigo ENTRE A CRUZ E A ESPADA.

NOTA 4. Tudo isso em primeira pagina, o que me obrigou a protestar contra o jornaleiro que naquela mesma manhã não me tinha entregue o jornal pré-pago antes de partir para a universidade. "Por que você não viu que, na primeira pagina, o jornal falava de mim e outro padre?" Me respondeu quase chorando: "Padre, eu não sei ler".

NOTA 5. Tenho a certeza que as declarações publicadas na *Província do Pará* e atribuídas caluniosamente a mim e ao meu colega padre Nicolau foram montadas ou pelo próprio padre João Mometti ou com a ajuda dele. Desde muito tempo, João Mometti não suporta a minha presença em Belém. Tenho provas que já mandou pessoas pagas paradedoimentos contra mim. Sebastião Tavares da Silva, originário de Bujaru e meu afilhado, me contou o seguinte: "Com dinheiro na mão, padre João me disse: 'Se você assinar esta declaração a respeito de pe.Savino, ganhará todo este dinheiro'. O rapaz completou que precisava de dinheiro e assinou após uma rapidíssima leitura. Por que esta atitude de Mometti a meu respeito? Suspeito que seja pelo fato de eu ter morado com ele entre 1975 e 76 e de ter conhecido de perto algo da sua um tanto ambígua conduta. Acrescento que João Mometti está manipulando Dom Alberto desde muitos anos, desorientando o bem minguado e um tanto emarginado clero da arquidiocese.

NOTA6. Solicitado por mim, o Núncio Apostólico no Brasil dom Carmine Rocco tinha telefonado duas vezes a Dom Alberto pedindo-lhe de me tirar daquela injusta situação. O mesmo dom Alberto contou tudo isso para mim, acrescentando que o Núncio lhe tinha falado em português mas com sotaque napolitano.

NOTA 7. Os ásperos pormenores que ilustram este fato todo são expostos com maior precisão no artigo ENTRE A CRUZ E A ESPADA.

NOTA 8. Reencontrei as duas irmãzinhas em Roma e tive a oportunidade de acompanhá-las para uma visita aos lugares da vida e martírio da santa Maria Goretti em Nettuno e Ferriere.